
A CONTRIBUIÇÃO DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA PARA PERMANÊNCIA DO JOVEM RURAL NO CAMPO: A EFA DE CORRENTINA (BA)¹

Bianca Suzy dos Reis dos Santos²

Resumo: Este artigo tem por objetivo identificar as contribuições à educação básica pela pedagogia da alternância, cujo método foi aplicado em diversas escolas da zona rural no Brasil. Nosso local de estudo encontra-se no município de Correntina, localizado no Oeste Baiano, onde será analisada a Escola Família Agrícola Padre André e suas peculiaridades. O método utilizado foi o trabalho empírico no município, com realização de entrevista com uma das fundadoras da escola. Nesse processo, identificou-se que a EFA de Correntina desempenha um importante papel que contribui para permanência do jovem no campo através dos conhecimentos técnicos que lhes são ensinados, tendo como ponto de partida uma educação que articula teoria e prática e como princípio a reflexão crítica e cidadã.

Palavras-chave: Pedagogia da Alternância; Efapa; Correntina; Zona Rural.

THE CONTRIBUTION OF PEDAGOGY OF ALTERNANCE TO THE STAY OF RURAL YOUNG PEOPLE IN THE FIELD: THE EFA OF CORRENTINA (BA)

Abstract: This article intends to identify the contributions to Brazilian education by Alternância pedagogy, which its method was used in multiple Brazil's countryside schools. Our place of research is set in the city of Correntina, located in Baiano west, where Escola Família Agrícola Padre André peculiarities will be analysed. The method used was an empirical work in this city with an interview with one of the founders. In this process, it was found that Correntina's EFA plays an important role that contributes towards the countryside young people through the technological literacy that is offered to them, thinking of an education that uses theory, practice and critical citizen reflection as a starting point.

Keywords: Alternation Pedagogy; Efapa; Correntina; Countryside

¹ Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense, orientado pela Professora Dra. Rosana Câmara Teixeira.

² Bacharel e licenciada em Ciências Sociais e Mestre em Sociologia pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: biancasuzy@id.uff.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5823-0253>

1 INTRODUÇÃO

O tema em questão, surge a partir do trabalho de campo que realizei entre julho e agosto de 2019 para a pesquisa de mestrado do programa de pós-graduação em Sociologia. Em meados de julho, cheguei no município de Correntina, localizado na região do extremo Oeste Baiano. O município possui cerca de 33 mil habitantes³ e se destaca por ser um dos polos do agronegócio na região, sobretudo, com a produção de soja.

Ao longo do trabalho de campo, que foi realizado tanto na zona urbana do município quanto na zona rural, tive a oportunidade de conhecer grupos sociais que estavam ligados diretamente à defesa do Cerrado, bioma que vêm se degradando de forma contínua desde a década de 1960 em decorrência das atividades da agricultura mecanizada e de larga escala. Durante esse tempo, participei de alguns encontros e eventos que ocorreram em Correntina e que reuniram esses grupos que se colocam na luta não apenas pelo “Cerrado em pé”, mas em defesa dos modos de vida das populações tradicionais que possuem identificação direta com esse ambiente, que produzem símbolos, representações e afetividades a partir desse território.

Conheci a Escola Família Agrícola Padre André (Efapa) em um desses encontros, a partir de conversas com pessoas que trabalhavam e que, inclusive, ajudaram em sua fundação. Foi exatamente nesse momento, que busquei conhecer de forma mais profunda a Efapa e o seu modo de organização. O fato de a escola estar presente, compor atividades e apoiar as movimentações que ocorrem em defesa do Cerrado, bem como oferecer um modelo de educação que se distingue de forma significativa das escolas convencionais, me despertaram curiosidade para melhor entender essa relação de identificação com o território e a formação dada aos estudantes.

Nesse período do campo, tive a oportunidade de visitar e conhecer o espaço da Efapa, além de ministrar duas oficinas para os estudantes da escola. A minha “estranheza” ao presenciar uma organização escolar distinta dos espaços escolares que já frequentei e que já estudei, me deixaram bastante inquieta e animada a investigar mais sobre a temática. Estive presente duas vezes na escola, a primeira vez passei dois dias convivendo com funcionários e estudantes e, na segunda vez, apenas um dia. Durante os dias de observação na Efapa, foi nítida a diferença de método de ensino, pedagogia utilizada, organização do espaço escolar, princípios morais e éticos e a própria relação dos estudantes e funcionários com a escola.

Todos esses elementos, me inclinaram a escolher como tema de pesquisa a pedagogia da alternância e refletir a sua contribuição para uma educação básica crítica e reflexiva, que trabalha o lugar de vivência do estudante também como seu referencial epistemológico. Essa educação do campo, que trabalha suas práticas e metodologias a partir da cultura e visões de mundo estruturadas

³ De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

a partir do meio rural, contribui de modo significativo para o fortalecimento das identidades geraizeira e camponesa, presentes e forjadas nesse ambiente.

É importante destacar que existe uma distinção entre *educação do campo* e *educação rural*, sendo a primeira composta de metodologia, pedagogia e práticas que englobam as cosmovisões e as territorialidades dos grupos e movimentos sociais do campo; enquanto a segunda sempre foi estabelecida por organismos oficiais do governo, tendo como marca principal a ideia de uma formação escolar para adaptação do sujeito rural ao produtivismo e ao desenvolvimento do mundo capitalista, em última instância, da conversão deste em operário, como demonstra Oliveira e Campos (2012).

A pedagogia da alternância, assim, faz parte de uma das metodologias aplicadas em algumas escolas rurais do Brasil, que não necessariamente assumem uma educação escolar construída e desenvolvida nos campos de lutas políticas e simbólicas travadas por movimentos sociais rurais, que reivindicam uma educação própria para o meio rural brasileiro.

Destarte, pesquisas voltadas para essa temática não se fazem apenas necessárias para o campo de discussão, mas se colocam como urgentes em um cenário onde as escolas rurais brasileiras vêm sofrendo de modo contínuo com o desmonte de políticas públicas e fechamento de suas unidades. Como apontado por Alentejano e Cordeiro (2019), nos últimos 21 anos mais de 80 mil escolas rurais foram fechadas no Brasil, destas, a maioria encontra-se na região nordeste, sendo a Bahia o estado que mais se destaca com esse dado, com mais de 12 mil escolas rurais fechadas.⁴

Dessa maneira, esse trabalho tem como objetivo propor a reflexão sobre a contribuição da pedagogia da alternância, aplicada em algumas escolas rurais, para a formação de um sujeito crítico, qualificado e consciente de seu meio. Nosso recorte geográfico está localizado no município de Correntina, na Bahia, e tem como objeto de análise a Escola Família Agrícola Padre André.

Para esse fim, a metodologia utilizada foi o trabalho empírico, por meio da observação participante, além de uma entrevista semiestruturada realizada com uma das fundadoras da escola; também foram utilizadas como fontes de dados qualitativos, conversas informais com funcionários e estudantes da escola, que foram registradas no caderno de campo.

Não iremos aqui abordar todos os aspectos e especificidades da Escola Família Agrícola, nem tampouco adentrar em seus eixos norteadores pelo tempo de pesquisa e pela própria limitação que nos impõe um artigo, serão, pois, tratados as principais características das EFAs e a metodologia utilizada pela escola, em especial, pela EFA de Correntina.

⁴ Alentejano, Paulo. Cordeiro, Tássia. 80 mil escolas no campo brasileiro foram fechadas em 21 anos. **Brasil de Fato**. São Paulo (SP). 29 de novembro de 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/11/29/artigo-or-80-mil-escolas-no-campo-brasileiro-foram-fechadas-em-21-anos>. Acesso em: 10 de ago. de 2020.

1.1 Contextualização da região

A região do Oeste baiano sofreu profundas mudanças no final da década de 1970 e início da década de 1980 com a migração “sulista” e o crescimento de atividades agrícolas, sobretudo, com as produções de soja e milho. Essa região é considerada uma das principais regiões econômicas da Bahia, havendo ali uma alta circulação de capital nacional e internacional ligado ao setor agroexportador. O Oeste baiano está inserido hoje na região delimitada e nomeada de MATOPIBA, acrônimo que engloba os municípios do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia. A delimitação desta região foi realizada em 2015 pelo Grupo de Inteligência Territorial Estratégica (GITE), da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), por considerar a região como destaque de produção de *commodities* e, portanto, uma possível “última fronteira agrícola”.

Além de a região ser conhecida pela produção exitosa de *commodities* como a soja e o algodão, outro elemento central é o seu grande sistema hidrológico, fundamental para a *retroalimentação* de importantes rios não só do Oeste Baiano, mas também do Rio São Francisco. O bioma predominante nessa região é o Cerrado, considerado a “caixa d’água” do Brasil por ser o responsável pela produção e manutenção de rios, córregos e riachos. Esse fator se tornou indispensável para o funcionamento das atividades econômicas nessa região.

Entretanto, se por um lado todo esse sistema hidrológico se faz essencial para o funcionamento do agronegócio e indispensável para a produção de monoculturas irrigadas por pivô central, por outro lado, as comunidades rurais locais possuem uma relação de *reciprocidade* com os seus rios vistos não somente como fontes que garantem a sobrevivência, mas também a partir de uma ótica subjetiva, moral e, até mesmo, espiritual.

A partir da ocupação dos Cerrados baianos por empresas reflorestadoras e, mais tarde, com as plantações de soja e algodão, os modos de vida local e as práticas próprias de uma moral camponesa, passam a ser alteradas pelo processo privatizante das terras comuns, como aponta Sobrinho (2012).

É nesse cenário de conflitos que, em 1980, são criados diversos organismos pela Igreja Católica, que tem um papel importante na história da cidade de Correntina pela sua atuação junto às comunidades rurais através das Comunidades Eclesiais de Base, que focalizavam uma formação popular. Como figura central desse período, Padre André se destacará pelas inúmeras benfeitorias construídas em Correntina, como o Abrigo de Idosos, Maternidade, Escolas Paroquiais, Sindicato dos Trabalhadores Rurais e, mais tarde, a Escola Família Agrícola Padre André, criada em 1994.

A criação da Efapa em Correntina, se deu por meio do trabalho em equipe de leigos católicos organizados por Padre André – tendo idade avançada, já não possuía condições de acompanhar essas atividades -, que envia nesse período dois jovens para o estado do Espírito Santo para receberem formação e capacitação de monitores durante o período de oito meses. O fato desses

jovens terem ido para o estado do Espírito Santo não foi à toa, pois no Brasil a primeira experiência com a pedagogia da alternância se dá nesse estado, sendo o primeiro a construir as Escolas Famílias Agrícola, em 1969.

2 APONTAMENTOS TEÓRICOS

2.1 Surge a pedagogia da alternância: a construção das primeiras EFAs

A história do surgimento das Escolas Famílias Agrícola, está totalmente entrelaçada às dificuldades, injustiças e mazelas vivenciadas pelo homem e mulher do campo. O seu nascimento, como nos descreve muito bem Nosella (2012), se dá justamente pelas preocupações e obstáculos enfrentados por um Padre no interior da França. Naquele período, nascer e permanecer no meio rural, na labuta da lavoura, era sinônimo de atraso, ignorância, em última instância, de alguém que não queria “crescer” e se “desenvolver” na vida. A ideia de se pensar uma escola própria e voltada para o meio rural surge do Padre Granereau, que considerava o estado pouco interessado em abordar e tratar os problemas presentes no campo, já que a educação oferecida priorizava exclusivamente uma educação centrada e voltada para o meio urbano, incentivando a migração do campo para a cidade e tratando o trabalho na terra como algo arcaico, oposto à ciência e sem grandes perspectivas (NOSELLA, 2012, p. 46). A outra opção escolar que se apresentava, era a educação oferecida pela Igreja que, embora estivesse no meio rural, não incorporava as mudanças que se apresentavam no período e pouco atendia aos anseios e problemas concretos vivenciados por essa população.

Como demonstrado por Nosella (2012), Padre Granereau já tinha uma atuação no meio rural quando da criação do sindicato rural em 1911 para auxiliar camponeses e contribuir para a superação do “isolamento e individualismo” que estavam presentes nas relações sociais do campo. Descreve o autor:

Em 1914, chegou à conclusão [Padre Granereau] de que o problema agrícola nada mais era que um problema de educação, isto é, de uma formação capaz de preparar chefes de pequenas empresas rurais. Em 1930, deixou voluntariamente uma grande paróquia urbana para se instalar na pequena paróquia rural de Sérignac-Péboudou. Exatamente aqui, após muitas dificuldades, no dia 21 de novembro de 1935, quatro alunos se apresentaram à casa paroquial. O Padre Granereau mostra-lhes a Igreja, o presbitério, a casa paroquial, sublinhando que tudo aquilo tinha um aspecto de ruína e acrescentava: “tudo isto é símbolo de mundo rural... se quiserem começaremos algo que mudará tudo” (NOSELLA, 2010, p. 47).

É então a partir de 1935, que surge a primeira *Maison Familiale*, as chamadas Escolas Família Agrícola. O desejo de formação da juventude⁵ pelo Padre Granereau, esbarrava com a

⁵ Embora o termo “juventude” apresente pluralidades e diferenças, não sendo uma categoria homogênea, existem

necessidade desses jovens estarem, também, em suas propriedades rurais para ajudar com o trabalho familiar. Assim, a proposta que surge do Padre em conjunto com os agricultores locais, é de justamente os jovens permanecerem alguns dias do mês na escola por período integral e o restante dos dias na propriedade da família. Esse método acaba por atender, assim, o projeto de formação da juventude por parte do Padre e dos anseios das famílias agricultoras, de formar seus filhos e mantê-los no meio rural (*ibidem*).

Nos primeiros anos da escola, como descreve Nosella (2012), Padre Granereau contratou um técnico em agricultura e adotou o formato de “internato”, ou seja, os alunos dormiam no espaço oferecido pelo Padre e nas outras semanas retornavam para casa, caracterizando dessa maneira a pedagogia da alternância, já que mesclava a vivência escolar com a vivência trabalho-família. Outro caráter importante que chama atenção do autor, é a relação estreita entre a escola, sindicatos rurais e o movimento da Ação Católica Francesa, o que demonstra uma importante interação da escola com o seu meio. A organização da escola era realizada pelas famílias agrícolas e pelo Padre, assim, até 1940 foram criadas ao todo três escolas neste formato. Ao realizar a busca por apoio do estado francês, Padre Granereau contribui para a formulação de uma lei de ensino voltada para educação dos jovens no meio rural (*ibidem*).

Será, pois, em 1942, que será formado o primeiro Centro de Formação de Monitores e também a União Nacional das Escolas Família que aglutinava de quatro a cinco escolas. Mais tarde na França, alguns aspectos de ordem organizativas da escola serão mudados, elementos que não serão, pois, tratados nesse trabalho.⁶

De acordo com Pessoti (1978), a pedagogia da alternância é uma estratégia que busca contribuir para a formação do indivíduo através da reflexão de suas próprias experiências, sendo a presença na escola e na propriedade familiar espaços fundamentais para esse processo. Assim, a alternância surge não somente para formar a juventude rural de acordo com seu meio e cultura, mas também para capacitar essa juventude com técnicas e práticas voltadas para o campo profissional agrícola, oferecendo, desse modo, uma mão de obra qualificada voltada para o meio rural.

Para Begnami (2003), a alternância é a “pedagogia da pessoa e da cooperação”, cada indivíduo torna-se central no processo de aprendizagem, que leva em consideração suas experiências e histórias de vida incluindo aí afetos e subjetividades, sendo o aprendiz chave principal na produção de saberes. Assim, também, está posto em *Mudança e Educação*, onde Paulo Freire (1979) coloca que: “Quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses

elementos comuns. Para Novaes (2007): “a juventude é compreendida como um tempo de construção de identidades e de definição de projetos de futuro”. Ver mais em: NOVAES, Regina. Juventude e Sociedade: jogos de espelhos. Sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas. **Revista Sociologia Especial Ciência e Vida**. São Paulo, p. 1-10, out. 2007.

⁶ Para ver mais sobre a experiência francesa ver: NOSELLA, Paolo. Educação no campo: origens da pedagogia da alternância no Brasil. Vitória : EDUFES, 2012.

sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias” (FREIRE, 1979, p. 16).

A escola seria, portanto, mais um espaço de aprendizagem e não o único, sendo o estudante central nesse processo para o seu próprio desenvolvimento crítico de si e do mundo. Segundo Arroyo (1999), além da escola, o movimento social, o trabalho, a produção e a família são importantes âmbitos para o processo educativo dos indivíduos, claro que cabe à escola realizar a síntese desses processos e disponibilizar as ferramentas de ordem técnica e científica.

2.2 A EFA chega ao Brasil: a experiência brasileira

A primeira experiência das EFAs no Brasil, ocorre por meio do Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (Mepes), idealizado por sacerdotes italianos e criado em 1968 no estado do Espírito Santo, tendo à frente da fundação o Padre Humberto Pietrogrande. A partir da criação do Mepes, da mobilização de agricultores e também da formação de estudantes e profissionais durante um período na Itália para terem contato com as EFAs e com a pedagogia da alternância, fundam-se as três primeiras EFAs no estado em 1969, nos municípios de Alfredo Chaves, Anchieta e Rio Novo do Sul.

Foto 1: Escola Família Agrícola Alfredo Chaves.



Fonte: Prefeitura municipal de Alfredo Chaves.

Como destacado por Nosella (2012), um dos primeiros desafios do grupo responsável pela direção da EFA, era o de se pensar um plano pedagógico voltado para a realidade brasileira, já que até então a formação de alguns monitores e do restante da equipe, havia ocorrido na Itália. Para fazer funcionar a escola, o primeiro currículo da EFA, se esbarrando nesse primeiro desafio, foi

montado com base no currículo das EFAs italianas. Após esse passo, questões irão surgir a respeito do modelo, metodologia e objetivos que a EFA assumirá, dentro dos moldes da realidade brasileira e das peculiaridades do lugar em que se deu a sua instalação.

O Mepes busca, assim, reunir técnicos em educação, monitores e especialistas para estabelecer os caminhos pelos quais seguirão a escola. Foram realizados encontros, reuniões e seminários que debateram os moldes que seriam então adotados pela EFA e qual modelo pedagógico ela iria assumir. A partir desses espaços coletivos com a presença de especialistas na área de educação, daqueles que já possuíam experiência com a P.A e com os estudos dos modelos das EFAs de outros países, foi então elaborado um primeiro documento que apontava os objetivos da EFA e do MEPES, bem como a produção de documentos que estabeleceram as “Bases estruturais e metodológicas das EFAs e do MEPES” (NOSELLA, 2012, p. 82-83).

No que diz respeito à estrutura física da escola, a construção não destoia das construções padrões do meio rural e atende ao modelo de “internato”, havendo quartos para os alunos e também espaço separado de dormitório para os monitores, bem como cozinha, refeitório e área para produção de horta e demais produtos agrícolas que podem, inclusive, ser comercializados.

De acordo com o site do Mepes⁷, atualmente o estado do Espírito Santo possui cerca de 18 Escolas Famílias Agrícolas, com 2.220 estudantes matriculados no total. É importante destacar que as EFAs trabalham com uma menor quantidade de alunos, número que varia entre 20 e 25.

3 METODOLOGIA

O trabalho de campo ocorreu em agosto de 2019 no município de Correntina, onde através dos contatos estabelecidos com os funcionários da EFA, fui convidada para ministrar uma oficina sobre meio ambiente e conhecer a escola e a sua dinâmica. De acordo com Beaud e Weber (2012): “realizar a pesquisa de campo vem a se fazer justiça, por vezes reabilitar práticas ignoradas, mal compreendidas ou desprezadas” (BEAUD; WEBER, 2012, p.10). Ao longo do campo, nossa principal ferramenta foi o uso do diário de campo, que cumpre o papel de transformar uma experiência social comum em uma experiência etnográfica (*ibidem*).

Os dias em que estive na EFA, tive contato não só com o funcionamento da escola, mas pude, igualmente, conversar com os funcionários e alunos acerca dos espaços, das impressões que eles tinham da metodologia e do modelo de organização da EFA, que para muitos se apresenta como rígido devido às regras e deveres que precisam ser cumpridos. Nesse período, foi realizada uma entrevista gravada com umas das fundadoras da escola.

Nesse meio tempo, foi inevitável não perceber o peso que tem as chamadas místicas, que são os momentos onde une-se o político com o sagrado e onde lança-se mão das representações do

⁷ Disponível em: <https://www.mepes.org.br/>. Acesso em: 10 ago. 2020.

espaço, das visões de mundo e das identidades forjadas no meio rural. Tanto nos momentos de recreação, como em algumas reuniões que presenciei, foram mobilizados símbolos que muito dizem do lugar e da cultura dessas pessoas e que conformam as suas identidades, como o uso de cabaça com água (riqueza hidrológica da região), enxada (trabalhador rural); livro da pedagogia de Paulo Freire; chapéu de palha (geraizeiro), etc.

4 A ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE CORRENTINA

Assim como as EFAs do Espírito Santo, idealizadas e criadas por Padre Humberto Pietrogrande, também a EFA de Correntina será criada e fundada por uma equipe de leigos católicos sob a liderança de Padre André.

A partir de 1956, com a chegada de Padre André no município de Correntina, uma série de ações de cunho pastoral e construções de benfeitorias são realizadas, sobretudo, para atender a população do meio rural, que não possuía qualquer auxílio ou amparo por parte do governo do estado. Assim, com a ação das pastorais a Igreja passa a adentrar o meio rural através da realização de palestras, reuniões e conscientização acerca de direitos básicos de saúde, educação, etc. Ainda em 1950, são instaladas as escolas paroquiais e na década de 1970, é criado o Centro Educacional de Correntina, que oferece à população o ensino fundamental e médio. Assim, Padre André se torna uma figura importante não apenas religiosa, mas também política, ao passo que realiza articulações para angariar recursos para a realização de construções importantes para o município.

A criação da EFA de Correntina ocorre de maneira distinta da forma que se deu a criação das escolas família no Espírito Santo, que já nasce com a intenção de ser uma escola fincada no meio rural, tendo a pedagogia da alternância como princípio. A EFA de Correntina, de acordo com Cláudia⁸, uma das fundadoras da EFA e com bastante atuação pela Igreja Católica no município, o intuito inicial da escola era o de formação de lideranças, e de fato nos dois primeiros anos de sua criação, de 1994 a 1996, a escola funcionou no Centro de Treinamento de Líderes do município - outro espaço criado por Padre André -, até o ano de 1996, quando a paróquia consegue recursos financeiros e adquire um terreno às margens do Rio Arrojado para a construção das instalações da escola.

Até esse momento, era a Igreja Católica, isto é, a equipe formada por Padre André, responsável pela sustentação e fornecimento de todo o aparato necessário para o funcionamento da escola. Ainda em 1996, com a mudança do CTL para a sede própria, cria-se então a Associação Comunitária da Escola Família Agrícola Rural de Correntina e Arredores (Acefarca), que passa a responder pela escola e ser um espaço formal reconhecido juridicamente. A Acefarca será um importante espaço de diálogo e construção coletiva a respeito da escola, sobretudo, por envolver

⁸ Optamos aqui por utilizar pseudônimo a fim de reservar a identidade da nossa informante.

toda a comunidade que está ao seu entorno. Durante a entrevista realizada com Cláudia, ela nos traz um pouco das representações que estão presentes nesse espaço:

Essa associação ela é composta de agricultores, agricultoras, pais, mães, fundadores, aqueles que tiveram mais tempo, como também os que vão entrando no decorrer. Por natureza tem os pais de cada turma ali, a cada ano entra a representação de pais, tem representação dos estudantes, dos ex-estudantes, de monitores e ex-monitores, que são os profissionais que estão ali.

(Cláudia, entrevista concedida durante trabalho de campo, agosto de 2019, Correntina, Bahia).

A Escola Família Agrícola Padre André, é orientada pela Rede das Escolas Famílias Agrícolas Integradas do Semi-árido (Refaisa). Embora a EFA de Correntina não esteja situada de modo total no bioma Caatinga mas sim no Cerrado, ela está localizada em uma área de transição, isto é, em uma localidade que mescla esses dois biomas, o que faz com que a escola esteja integrada nessa rede. A partir da rede e da associação, existe um convênio com o município e com o governo do estado que permite que professores da rede de ensino do município e de outras cidades, sejam cedidos para atuarem na escola, além do envio de recursos financeiros para que a EFA possa manter as suas atividades cotidianas e realização das idas a campo pelos alunos.

5 O FUNCIONAMENTO DA EFA

A Efapa, cujo princípio básico é a pedagogia da alternância, funciona atualmente com o ensino médio integrado ao técnico, embora tenha oferecido por muitos anos somente o ensino fundamental. A escola atende alunos não apenas de Correntina, mas de todo o território da Bacia do Rio Corrente, composto por onze municípios do extremo Oeste Baiano. Assim, existem alunos de diversas comunidades rurais oriundos dessa região, marcada pela presença de rios que alimentam diretamente o Rio São Francisco.

A escola segue o mesmo padrão das EFAs, com a cor verde e estrutura que pouco destoa do meio rural, tal como descrito por Nosella (2012) ao se referir às EFAs do Espírito Santo. A estrutura da Efapa se divide entre: pátio; dormitório dos alunos (dividido por gênero); dormitório dos monitores (professores da escola); cozinha; refeitório; banheiros; salas de aula.

Foto 2: Pátio da Efapa no Sítio Terra Nova⁹

Fonte: SANTOS, Bianca Suzy dos Reis dos. Correntina – BA, 2019.

Foto 3: Refeitório da Efapa¹⁰

Fonte: SANTOS, Bianca Suzy dos Reis dos. Correntina – BA, 2019.

A rotina da Efapa começa às 6h da manhã, com as aulas tendo início das 7h30 até às 15h30, com intervalos na parte da manhã de 20 minutos e parada pro almoço de 1h30. É importante destacar a divisão que se dá entre os alunos acerca das responsabilidades com o espaço da escola. Na parte da manhã, as equipes responsáveis pelo cuidado com os animais por exemplo, precisam estar de pé para cumprir os cuidados como realizar a limpeza, troca a água e pôr a comida de aves e bovinos. No refeitório, frequentado não somente pelos alunos e alunas, mas também pelos funcionários da escola, existem as equipes responsáveis por servir as refeições, pela limpeza do espaço após o término de cada refeição e pela lavagem da louça. Há, igualmente, equipes também responsáveis pela limpeza dos banheiros e das salas, a fim de que tudo fique em ordem. Assim, a cada sessão ocorre uma espécie de “rodízio” dessas responsabilidades a ser cumpridas por todos. Os

⁹ À esquerda, as instalações da cozinha e refeitório; ao lado, espaço da direção; à direita, as salas de aula; ao centro, um pé de imbuzeiro, árvore típica da caatinga.

¹⁰ Local onde os alunos realizam o café da manhã, almoço, lanche e janta.

professores, chamados na EFA de monitores, também passam por um “rodízio” de atividades, cumprindo não somente o papel de professor na sala de aula, mas contribuindo com alguma ocupação administrativa da escola. Existe a equipe de monitores, que são os professores que moram na escola e acompanham durante todo o dia os alunos, e a equipe externa, que são os professores que vão somente para dar aula e retornam para casa.

Existe, pois, uma socialização do trabalho na Efapa que, normalmente nas escolas tradicionais, é realizado por funcionários contratados ou concursados para realizar somente uma função. No caso da Efapa, a cada sessão (que dura 2 semanas) o conjunto da escola desempenha tarefas para manter o espaço em ordem, havendo, pois, uma alternância também nessas funções de organização da escola.

Essa (con)vivência de modo intenso com o espaço escolar e com os próprios funcionários, fortalece os vínculos e relações sociais entre alunos e monitores, além da relação firmada com o próprio meio, o que contribui, talvez, para uma identificação e reconhecimento com a escola, pois há ali o trabalho que foi desempenhado por cada um, sendo também considerado pelos alunos como uma segunda casa.

O ano letivo na Efapa é dividido por trimestres, sendo cada um composto de dez sessões com duração de duas semanas cada, e tendo durante o dia cinco aulas. Nas semanas seguintes, os alunos voltam para as suas comunidades para aplicação do que aprenderam durante esse tempo na escola e também para identificar possíveis deficiências em seu local de moradia e trabalho, a fim de levar para discussão nas próprias aulas podendo ser um problema encontrado também em outra comunidade.

A base curricular da escola, possui as disciplinas “diversificadas” e disciplinas “técnicas”, sendo algumas dessas disciplinas “agricultura”, “fruticultura”, “desenho técnico”, “irrigação”, etc. Há também as viagens de campo chamadas de “viagens de estudo”, que é o momento onde alunos e monitores visitam alguma propriedade para terem contato com outros espaços e pensar, também, no projeto que pretendem desenvolver no último ano da escola. A parte prática, é o momento de aplicação e testagem dos conhecimentos que foram aprendidos em sala de aula. Cláudia, uma das funcionárias da escola, que atua tanto na parte docente quanto na parte administrativa, descreve um pouco dessa rotina:

(...) na tarde tem a parte prática chamado núcleo de aprendizagem, onde ele faz a aplicação do conhecimento das técnicas que são absorvidas na parte teórica e são aplicadas ali e que é dividido com vários núcleos de horta, de aves, de viveiro, de criação de animais. E assim eles durante o ano, todos eles passam por aqueles núcleos. E além da parte no final do dia que é mais recreativa.

(Cláudia, entrevista concedida durante trabalho de campo, agosto de 2019, Correntina, Bahia).

Os núcleos de aprendizagem, assim, são os espaços em que os alunos aplicam os conhecimentos teóricos e aprendem a lidar diretamente com a função sob a supervisão de um monitor ou monitora, desse modo, os núcleos são divididos de acordo com os seguintes eixos: horta (produção de feijão, hortaliças); viveiro (criação de mudas); minhocário; aves (galinhas); suínos (porcos); caprinos (cabras e ovelhas); bovinos (vacas e bois). A cada sessão, que dura duas semanas cada, ocorre a troca das funções de modo que todos alunos passem por todos os núcleos de aprendizagem e tenham uma ideia geral de cada função.

De acordo com Nosella (2012), existem três elementos que tornam a EFA uma escola com originalidade e especificidade, *i.e.*, distinta das escolas convencionais, são eles: (i) a pedagogia da alternância e o plano de estudo; (ii) o ambiente educativo e a (iii) participação dos pais agricultores.

O plano de estudo da escola (P.E), é um dos elementos centrais e que se difere bastante, como já colocado, dos planos das escolas convencionais, isso porque sua construção se dá de maneira coletiva, envolvendo monitores, pais e alunos. Durante entrevista com Cláudia, ela relatou como o P.E é construído e as perguntas que orientam a sua elaboração:

(...) esses planos eles foram construídos com as próprias famílias, quais são as necessidades desses alunos aprofundarem? (...) O que que consiste isso né? o que se quer saber sobre a propriedade? Essa parte agrária, como é o funcionamento, o que se produz, a equipe elabora essas questões, o aluno leva pra comunidade e eles respondem isso com a família, e diz a fonte, quem participou, quantas pessoas, e trazem isso
(Cláucia, entrevista concedida durante trabalho de campo, agosto de 2019, Correntina – BA).

Assim, o plano não só é construído de maneira coletiva como também agrega questões presentes nas comunidades dos alunos, levando em consideração as dificuldades e deficiências que serão levadas para a escola e discutidas no momento da “socialização”, tendo a partir daí a elaboração da “síntese”, que indica o público que a escola irá atender e os consensos. O P.E é dividido de acordo com o ano.

Tabela 1 – Temas que são priorizados pelo Plano de Estudo de acordo com o ano.

Foco do P.E para cada ano (Efapa)	
1º Ano	P.E voltado para o tema Família
2º Ano	P.E voltado para o tema Comunidade
3º Ano	P.E voltado para o tema Desenvolvimento Social
4º Ano	P.E voltado para o tema Projeto Técnico

Assim, o P.E representa o momento de interação entre escola e comunidade e de se construir os temas de acordo, com o ano, com família e monitores.

Foto 4: Entrada da Efapa, sítio Terra Nova.



Fonte: SANTOS, Bianca Suzy dos Reis dos. Correntina – BA, 2019.

Foto 5: Efapa, sítio Terra Nova. Viveiro de mudas.



Fonte: SANTOS, Bianca Suzy dos Reis dos. Correntina – BA, 2019.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A chegada das Escolas Famílias Agrícola no Brasil, se dá a partir da atuação de Padre Humberto Pietrogrande por meio do Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES). As primeiras escolas são criadas em 1969, tendo nesse percurso a construção de um plano pedagógico voltado para a realidade brasileira e atendendo aos anseios das famílias agricultoras.

Assim como no Espírito Santo, a contínua atuação da Igreja Católica no município de Correntina resultou em uma série de iniciativas e construções que atendessem as famílias da zona rural, seja por meio das pastorais através de informações básicas ou através da criação de escolas para atender a juventude rural. Em 1994, passa a funcionar no Centro de Treinamento de Líderes um “embrião” do que viria a ser a EFA de Correntina, que em 1996 passa a funcionar no Sítio Terra Nova, às margens do Rio Arrojado.

A partir da realização do trabalho de campo no município, pude visitar duas vezes a EFA, onde observei a integração entre monitores e alunos e a divisão de todo o trabalho coletivo, isto é,

todas as pessoas são responsáveis por manter a escola limpa e organizada, esse elemento desperta, logo nos primeiros anos do ensino médio, maior compromisso e responsabilidade com o espaço em que estamos e com as nossas tarefas, contribuindo para uma atuação cidadã, um dos objetivos das EFAs em geral.

O princípio da pedagogia da alternância, permite então que o estudante tenha a formação teórica e prática, seja a partir dos núcleos de aprendizagem, seja a partir do convívio com a própria comunidade obtendo os conhecimentos no âmbito familiar. Um dos diferenciais da escola é justamente o plano de estudo, o qual é construído de maneira coletiva entre monitores, estudantes e família, aglutinando diversos pontos de vistas e conhecimentos que serão transformados em temas geradores dentro da escola, isto é, eixos que serão debatidos e aprofundados.

Reconhecemos, pois, que este estudo em específico possui seus alcances e limitações como qualquer outro. Apesar da EFA ser constituída de elementos que estão também presentes em outras escolas famílias, ela possui suas peculiaridades que não podem ser generalizadas, pois cada escola é também moldada de acordo com as necessidades e demandas locais de cada lugar.

Por fim, a presença das EFAs na zona rural, mas do que qualificar a mão de obra e contribuir para a permanência da juventude no campo, faz com que esses sujeitos se reconheçam enquanto portadores de direitos e com vivências que também podem ser refletidas criticamente a fim de ajudar no autoconhecimento e na promoção da pessoa humana.

REFERÊNCIAS

ALENTEJANO, Paulo; CORDEIRO, Tássia. 80 mil escolas no campo brasileiro foram fechadas em 21 anos. **Brasil de Fato**. São Paulo (SP). 29 de novembro de 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/11/29/artigo-or-80-mil-escolas-no-campo-brasileiro-foram-fechadas-em-21-anos>. Acesso em: 10 ago. 2020.

ARROYO, Miguel Gonzalez. A educação básica e o movimento social do campo. *In*: ARROYO, Miguel Gonzalez; FERNANDES, Bernardo Mançano. **A educação básica e o movimento social do campo**: por uma educação básica do campo. Brasília: Zenaide, 1999.

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo**: produzir e analisar dados etnográficos. 2.ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 2014.

BEGNAMI, João Batista. **Formação por alternância na licenciatura em educação do campo**: possibilidades e limites do diálogo com a pedagogia da alternância. 2019. 402 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

BERNARTT, Maria de Lourdes; TEIXEIRA, Edival Sebastião; TRINDADE, Glademir Alves. Estudos Sobre pedagogia da alternância no Brasil: revisão de literatura e perspectivas para a pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.34, n.2, p. 227-242, maio/ago. 2008.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 12º ed. Editora: Paz e Terra, 1979.

NOSELLA, Paolo. **Educação no campo**: origens da pedagogia da alternância no Brasil. Vitória: EDUFES, 2012.

NOVAES, Regina. Juventude e Sociedade: jogos de espelhos. Sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas. **Revista Sociologia Especial Ciência e Vida**. São Paulo, p. 1-10, out. 2007.

OLIVEIRA, Lia Maria Teixeira de; CAMPOS, Marília. Educação básica do campo. *In*: CALDART, R. PEREIRA, I. ALENTEJANO, P. FRIGOTTO, G. **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

PESSOTTI, Alda Luzia. **Escola da Família Agrícola**: uma alternativa para o ensino rural. 1978. 194 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1978.

SOBRINHO, José de Sousa. **O camponês geraizeiro no Oeste Baiano**: as terras de uso comum e propriedade capitalista da terra. 2012. 412 p. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

*Submetido em: 18 de agosto de 2020.
Aprovado em: 17 de novembro de 2020.*